

# WhatsApp como ferramenta digital de apoio e incentivo ao aleitamento materno exclusivo no pós-parto: um ensaio clínico

Adonay Guedes Cirino

Myrtis Katille de Assunção Bezerra

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes

Maceió, 16 de agosto de 2024

## Introdução

O aleitamento materno exclusivo (AME) é uma prática recomendada a nível global pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e à nível nacional pelo Ministério da Saúde. O leite materno é considerado como o "padrão ouro" quanto à alimentação de recém-nascidos, sendo capaz de tornar o mundo mais saudável, igualitário e inteligente (MINCKAS et al., 2021). Além disso, a promoção do processo de amamentação tornou-se a melhor estratégia para evitar a mortalidade infantil, uma vez que o líquido fornece todos os nutrientes essenciais para o crescimento adequado durante a primeira fase de vida. O Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (Enani), realizado em 2019, aponta que cerca de 45,7% das crianças brasileiras passam pelo processo de AME.

Assim, esse estudo teve como objetivo fazer a análise das prevalências de aleitamento materno e de uso de bicos artificiais de uma intervenção entre puérperas do grupo controle e do grupo intervenção atendidas em um hospital universitário.

## Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, realizado a partir de uma subamostra de puérperas atendidas na maternidade de um Hospital Universitário, participantes do ensaio clínico randomizado simples-cego, desenvolvido pelo PIT, submetido e aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa.

Foram analisados dados sociodemográficos (faixa etária, renda, estado civil, atividade laboral), a prevalência de aleitamento materno nos grupos controle (GC) e intervenção (GI) e a prevalência do uso de bicos artificiais. Este estudo foi desenvolvido por meio de uma estratégia participativa online via Whatsapp, que expõe suas participantes a uma cartilha educativa intitulada “Apoio ao aleitamento materno: e-book prático”, desenvolvida pela equipe desta pesquisa, contendo as principais informações necessárias sobre o processo de amamentação. Após o recrutamento, o grupo intervenção seguiu recebendo mensagens semanais de promoção e apoio ao AM via WhatsApp.

## Resultados

No período de coleta de dados, compreendido entre maio e agosto de 2023, foram admitidas 526 mulheres na maternidade do HUPAA, dessas, 173 atenderam aos critérios de inclusão e aceitaram participar do estudo, sendo alocadas aleatoriamente em Grupo Controle (n = 89) e Grupo Intervenção n = 84).

Os desfechos relacionados à amamentação foram avaliados em dois momentos distintos, utilizando o teste de qui-quadrado (IC: 95%). Nos primeiros 3 meses de intervenção, houve um leve aumento na prevalência de crianças em aleitamento materno no grupo intervenção (52,2%), quando comparado ao grupo controle (47,8%), todavia, essa diferença não foi estatisticamente significativa ( $p > 0,05$ ).

A prevalência de aleitamento materno exclusivo (AME) no grupo intervenção foi aproximadamente 30% maior quando comparada ao grupo controle, apresentando associação significativa com a intervenção aplicada ( $p < 0,05$ ). Quando analisado o controle dos horários de amamentação, o grupo intervenção (55,4%) obteve melhores resultados ao não controlar os horários e amamentar em livre demanda quando comparado com o grupo controle (44,6%) ( $p > 0,05$ ). A intenção de continuidade e confiança no ato da amamentação também obteve melhores prevalências no grupo intervenção (52,1% e 52,6%, respectivamente) em comparação ao grupo controle (47,9% e 47,4%, respectivamente), sem associação significativa ( $p > 0,05$ ). As mulheres do grupo intervenção ofertaram menos leite de vaca e/ou fórmula infantil ao recém-nascido quando comparadas ao grupo controle (GI: 68,4%; GC: 31,6%) ( $p > 0,050$ ).

As intervenções de educação participativa por meio de mídias sociais foi responsável por garantir melhores resultados na prevalência de AME no grupo intervenção. Nesta etapa da pesquisa, as puérperas foram expostas à cartilha niveladora com assuntos diversos relacionados ao aleitamento materno e intervenções semanais com o mesmo conteúdo programático. Além disso, a criação da comunidade virtual via WhatsApp intitulada “Pergunta, mamãe”, com a presença do grupo intervenção e profissionais de saúde para troca de experiências e dúvidas relacionadas ao tema estão envolvidas neste resultado.

No segundo momento de acompanhamento, após 6 meses de intervenção, o número de crianças ainda em aleitamento materno foi maior no grupo controle (52,1%) que no grupo intervenção (47,9%), cerca de 81,5% da amostra não se encontrava em AME (GC = 49,1% e GI = 50,9%), sem associação significativa para ambos os desfechos ( $p > 0,05$ ). As mulheres de ambos os grupos obtiveram prevalências equivalentes quanto à confiança ao amamentar (GC = 47,6% e GI = 51,4), com um leve aumento para as nutrizes

do grupo intervenção ( $p > 0,05$ ). Quanto ao uso de bicos artificiais, manteve-se o mesmo padrão encontrado no terceiro mês de acompanhamento, não havendo diferenças significativas nas prevalências do uso de chupetas (GC = 52,4% e GI = 47,6%) e mamadeiras (GC = 49% e GI = 51,0%) ( $p > 0,05$ ).

## Discussão

O presente estudo traz, de forma predominante, participantes de baixa renda, categorizadas pelo recebimento de até 3 salários mínimos como renda familiar, com uma prevalência de 91,1%, essas participantes tendem a manter o aleitamento materno exclusivo por mais tempo, uma vez que por motivos de redução de gastos, acabam não fornecendo alimentação complementar ao recém-nascido durante os 6 primeiros meses de vida (Barbosa et al., 2018).

Entretanto, mães que não possuem companheiros também foram associadas à uma maior prevalência do desmame precoce, a falta de auxílio no dia a dia para com o cuidado do recém nascido, somada à longas jornadas de trabalho – sejam dentro ou fora do lar – integram a vasta lista de fatores que podem comprometer o aleitamento materno exclusivo (Pinheiro, et al. 2022). A idade materna tornou-se um dos principais determinantes para o AME, a instabilidade emocional das nutrizes também vem sendo associada, cada vez mais, à interrupção do aleitamento materno, principalmente na faixa etária de 15 à 39 anos.

## Conclusão

O aleitamento materno exclusivo (AME), foi maior no grupo intervenção (64,9%) que no grupo controle (35,1%) no terceiro mês de intervenção ( $p = 0,05$ ). No sexto mês, o grupo intervenção obteve um leve aumento na prevalência do AME (58,3%) quando comparado ao grupo controle (41,7%) ( $p > 0,05$ ).

Os resultados encontrados nesta pesquisa mostram relevância científica para a promoção e apoio ao aleitamento materno, evidenciando o grau de efetividade das estratégias aqui descritas e aplicadas na população em discussão.

As características da amostra encontradas neste estudo são descritas por diversos autores como fatores de risco para o desmame precoce, como: estado civil, renda familiar, tipo de parto e número de residentes por domicílio. Dessa forma, os resultados aqui

descritos evidenciam um recorte da população atendida pela maternidade do HU, sendo útil para possíveis intervenções futuras.

## Referências

Barbosa, G. E. F., Pereira, J. M., Soares, M. S., Pereira, L. B., Pinho, L., & Caldeira, A. P. (2018). Initial difficulties with breastfeeding technique and the impact on duration of exclusive breastfeeding. *Revista Brasileira De Saúde Materno Infantil*. 18(3), 517–526. <https://doi.org/10.1590/1806-93042018000300005>.

Pinheiro, A. L. B., Oliveira, M. F. P. L., & Almeida, S. G. de. (2022). Consequências do desmame precoce: uma revisão de literatura. *E-Acadêmica*. 3(1), e2131112. <https://doi.org/10.52076/eacad-v3i1.112>

MINCKAS, N. et al. Preterm care during the COVID-19 pandemic: A comparative risk analysis of neonatal deaths averted by kangaroo mother care versus mortality due to SARS-CoV-2 infection. *EClinicalMedicine*, p. 100733, fev. 2021.